



LINGUAGENS (DES)PENSADAS NA AMÉRICA LATINA COMO PRÁTICA EPISTEMOLÓGICA

Fábio do Vale¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: Os estudos latino-americanos vislumbrados na contemporaneidade por si só são mecanismos de resistência. Nesse viés, este trabalho propõe, a partir e com a visada descolonial, preconizar a discussão de teorizações que não dão conta das demandas hodiernas. Assim, e por isso mesmo, nesse invólucro crítico-sinestésico, (des)pensar a América Latina cujas linguagens e seus estudos demonstram *experivivências*, (co)relacionadas à crítica biográfica fronteira, se faz necessário quando há consciência comparatista *amordena*, ou seja, a enunciação periférica, ritmos para se *(des)britanizar* práticas e teorias hegemônicas. Neste trabalho discerniremos propostas que atravessam literaturas e estudos de linguagens que estejam na bancada contemporânea da América Latina, versando, como condição *sine qua non*, a égide das epistemologias do sul que preconizam olhares e práticas desviantes ao *modus operandi* estadunidense e eurocêntrico, demonstrando assim o alcance da *arquivivência* e da *bio-criticidade*, conceitos advindos da descolonização que trazem a indumentária crítico- contemporânea de artes e maneiras outras de se (des)pensar as teorizações por vezes – equivocadamente – entendidas como teorias estáticas, singulares e determinadoras pelo plano moderno cartesiano. Nesse ínterim com o fito de *publicare et propagare* a partir e com o V Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e a XXIII Semana de Letras, propomos este trabalho, imbuídos da missão e responsiva criticidade contemporânea de se projetar os Estudos de Linguagens como possibilidades *outras*, para que as fendas coloniais na América Latina não prejudiquem o andar da carruagem da nossa fortuna crítica tornando consonante a visada descolonial deste trabalho como prática epistemológica do fazer científico que nos abraça enquanto latino-americanos(as).

Palavras-chave: Descolonização; Crítica biográfica fronteira; (Des)britanizar; Bio-criticidade; Experivivências.

LANGUAGES (DIS)THINKED IN LATIN AMERICA AS EPISTEMOLOGICAL PRACTICE

Abstract: *The Latin American studies envisioned in contemporary times are by themselves mechanisms of resistance. In this bias, this work proposes, from and with a decolonial aim, to recommend the discussion of theorizations that do not cope with today's demands. Thus, and for this very reason, in this critical-kinesthetic envelope, (un)thinking Latin America whose languages and studies demonstrate experiences, (co)related to borderline biographical criticism, is necessary when there is a dull comparative consciousness, that is, the enunciation periphery, rhythms to (de)britanize hegemonic practices and*

¹ Faculdade Insted. Professor, pesquisador e escritor. Doutor e pós-doutor em Estudos de Linguagens - UFMS. Pós-doutorando - USP e UFSC.

² Professor titular - UFMS, pesquisador e escritor. Doutor - UFMG e pós-doutor - UFRJ. Presidente do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) – CNPq/UFMS.

theories. In this work we will discern proposals that cross literatures and language studies that are in the contemporary bench of Latin America, dealing, as a sine qua non condition, the aegis of southern epistemologies that advocate deviant views and practices to the US and Eurocentric modus operandi, thus demonstrating the reach of archival life and bio-criticality, concepts arising from decolonization that bring the critical- contemporary clothing of arts and other ways of (dis)thinking theorizations sometimes – mistakenly – understood as static, singular and determining theories by the Cartesian modern plan. In the meantime, with the aim of publicare et propagare from and with the V International Seminar on Language Studies and the XXIII Week of Letters, we propose this work, imbued with the mission and responsive contemporary criticality of projecting Language Studies as other possibilities, so that the colonial rifts in Latin America do not harm the carriage of our critical fortune, making the decolonial aim of this work consonant as an epistemological practice of scientific doing that embraces us as Latin Americans.

Keywords: Decolonization; Border biographical criticism; (De)british; Bio-criticality; Experiences.

Do dia para a noite

palavras saltam muralhas e viram estrelas...

(MARCELO, Vias do Infinito Ser, 2017, p. 40).

Quando propomos (des)pensar a linguagem estamos estabelecendo, o melhor, escanteando práticas modernas para valorar a criticidade teórica – sobremaneira – a vasculha, atualização e a construção de teorizações (NOLASCO, 2015, p. 61). Historicamente as comunidades culturais recebiam dos seus colonizadores rítmicas formas de replicar práticas culturais, sobretudo, idiomáticas, cujos mecanismos transpunham o ideal de exploração para manutenção de sofrimentos operacionais tangíveis ao passo do que podemos chamar de sofrimento colonial (QUIJANO, 2005, p. 117).

A medida em que a globalização trouxe nova indumentária ao mundo projetada pela emergência da tecnologia, as forma-maneyras de se pensar a cultura passou de possíveis para necessárias. Na América Latina (MIGNOLO, 2007, p. 302), por exemplo, em se tratando da representatividade das nossas latinidades, temos no Brasil a língua portuguesa e em diversos outros países latino-americanos a língua espanhola como idioma oficial. A tensão dessa leitura que propomos, efetiva, nas colonizações: portuguesa e espanhola como questões eficazes, considerando, principalmente, o perpetuar dessas culturas em solo latino, porém essas jamais serão o nosso ponto de partida epistemológico.

Ao (des)pensarmos a linguagem como prática epistemológica, estamos travando um diálogo necessário com a academia (GIULIANO, 2018, p. 218), que secularmente oprimiu a invenção – criação – de moda, convalidando o conhecimento apenas quando disseminado por grandes academias. O fato é que (des)pensar a linguagem (NOLASCO, 2015, p. 66) como prática epistemológica na contemporaneidade é decisivamente,

pensar corpos – *corpus* – *corpora* como mola-mestra enunciativa, o que nos faz pensar a educação contemporânea como responsável para (re)direcionar caminhos que justifiquem sensivelmente tudo o que somos e pensamos.

Quando uma universidade contemporânea (DO VALE, 2021, p. 10) enaltece em sua grade curricular a valoração do estudo de clássicos apenas, por exemplo, temos grande preocupação. Sabemos que os estudos clássicos são caros à fortuna crítica, porém não são tudo a ela e para ela. Transitar pela história (NOLASCO, 2018, p. 12) e nos baús da literatura é projetar as práticas da *arquivivência* em que possibilita o(a) investigador(a) a (re)abrir esses arquivos considerando também a sua experiência (MIGNOLO, 2007, p. 320) de vida para que esse enunciar como criticidade e, sobretudo, propriedade, possa ser operacionalizado. Isso está, portanto, condicionado à prática (des)reguladora de replicar teorias para a mesa das teorizações (DO VALE, 2021, p. 11).

É salutar focarmos na academia contemporânea como caminho assertivo para se (des)pensar as linguagens. Quando uma universidade atribui à sua formação o estudo singular dos clássicos, ela está decidindo formar críticos reverberados em hegemonias. Os capítulos da história na sociedade clássica transmitida pelos autores europeus (QUIJANO, 2005, p. 121), majoritariamente, estudam costumes e encadeamentos cíclicos e, para além do entretenimento, sabemos que essas obras carregam problemáticas e tensões daquela cultura o que, intrínseca(mente), servia – serve – também para sequenciar essas culturas, valores e dogmas daquele povo (MIGNOLO, 2007, p. 315).

O grande enigma se instaura nesse aspecto porque a comunidade acadêmica mundial se vale até a contemporaneidade desses valores para dosar as críticas de hoje. Nesse preciso sentido, sabemos que muito da criticidade de William Shakespeare não dá conta de pensar – o que é bastante natural e entendível – as tensões hodiernas, logo, as problemáticas da nossa contemporaneidade, por isso a necessidade de se promover teorizações (NOLASCO, 2015, p. 61), aqui neste caso, de se (des)pensar as linguagens como força-motriz para a emancipação latente dos passos para a libertação crítico-cultural, logo, descolonial.

A América Latina como preconizou Darcy Ribeiro – entendida como Pátria Grande – carrega até hoje as mazelas da sociedade colonizadora. Detentos, criminosos das mais distintas condições foram despejados em nossa casa prefigurando uma desordem incalculável. Concatenado a isso, a exploração, opressão, atrocidades bem como os processos de escravidão, indumentaram as tristes páginas que foram escritas

com tinteira moderna em nossa sociedade. Nesse viés crítico (NOLASCO, 2018, p. 20), histórico e epistemológico, (des)pensar as linguagens é *(des)britanizar* práticas modernas, para que, com o rito de teorizações (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 73) *amodernas*, possamos apreciar, notabilizar e qualificar o que mais coerente nos parecer e aprovar.

Como parte responsiva da classe acadêmica, monitorar sincronicamente os estudos clássicos, ritos medievais e labores contemporâneos, parece servir de credencial para o caminho (MIGNOLO, 2007, p. 318) crítico que nos circunda e atravessa, quando nos referimos à *crítica biográfica fronteira* (NOLASCO, 2015, p. 68). Quando o enunciador *(des)britaniza* essas convenções, reconhece nas camadas importantes da história, mas, bastante distante, impera em suas decisões qual deverá ser o ponto de partida eleito para tecer as suas criticidades latino-americanas que, por excelência, são periféricas e contribuintes.

Pensar a descolonização (MIGNOLO, 2007, p. 290) acadêmica é, portanto, a espinha-dorsal para o abastecimento das nossas tensões por elas mesmas. A responsabilidade da comunidade acadêmica na América Latina (NOLASCO, 2018, p. 17) não deve apenas existir, mas ser celebrada, pois, o peso eurocêntrico bem como as indumentárias estadunidenses nos provocam a dançar entre celeumas incuráveis. Incutido nessa premissa, Nolasco destaca:

Vamos nos deter na discussão do “desprendimento” enquanto uma prática, ou opção descolonial, como uma saída estratégica para pensar o “outro” e seu mundo da exterioridade, sem que essa discussão passe, necessariamente, pela epistemologia moderna. Assim, é possível perceber que arranjos epistemológicos outros podem ser feitos no mundo atual, inclusive partindo de dentro da Academia e do modelo como a pesquisa está posta. Desprender-se significa, a princípio, descolonizar (-se), visando mostrar que a descolonialidade é uma “terceira opção” que não consiste em endossar as opções já existentes, como a teoria moderna, ou modo de pesquisa moderno, mas consiste, basicamente, em desprender-se de tais opções. Chamo a atenção para o fato de que a opção descolonial leva em conta, sobretudo, a questão epistêmica, o que faz toda a diferença em sua proposta descolonial (NOLASCO, 2019, p. 18).

É bastante importante desenvolver a consciência de que uma cultura, nação ou civilidade, não esteja fechada para qualquer (re)apreciação para que as verdades jamais sejam escanteadas ou que se gere dependentismo algum sobre um valor ou juízo. É nesse prisma que Nolasco (2019) sugere a prática de desprender para que não haja

receita acadêmica, pois, como temos vislumbrado, em se tratando de arte contemporânea a regra é não ter regra, o que ornamenta, efetivamente, os caminhos que precisam existir para que a academia seja descolonizada, embora esta seja uma missão bastante distante. Pouco ainda se discute sobre a descolonização (MIGNOLO, 2007, p. 313).

É bastante conveniente trabalhar com processos comparatistas, por exemplo, incitando o tecnicismo da mesma receita diária, cadavérica e enjoativa. Sabemos da responsabilidade de um indivíduo poder bradar o que pensa e, sobretudo, encontrar caminhos para compreender a arte como ferramenta de transformação, porém, torna-se inacessível pensar o corpo (NOLASCO, 2015, p. 72) sedento de arte, quando esse só tem acesso àquilo que lhe é imposto. A qualificação científica das universidades contemporâneas preocupa grande parte da América Latina (QUIJANO, 2005, p. 126) por não haver brechas ou possibilidades para uma libertação epistêmica e também, espaço para que essas tensões pensadas (NOLASCO, 2018, p. 13) a partir e com a descolonização reverberem efeitos das mais acentuadas expectativas epistemológicas.

Esses processos contemporâneos resvalam a unicidade de consciência que críticos da América Latina (GIULIANO, 2018, p. 211) têm buscado tornar em consonância dialogal entre nós latino-americanos(as). Esse ideal é tão requerido que, na Argentina, o crítico e professor Facundo Giuliano propõe (des)pensar a linguagem de libertação (MIGNOLO, 2007, p. 311) como peça de dignificação, em que a ingenuidade anteriormente descartada, passa a ser auferida nesses processos:

Sólo se clama por la “dignidad” cuando ha sido previamente “negada”; cuando el sujeto grita por una “dignidad” que le ha sido arrebatada; que nunca le ha sido asignada, atribuida. Cuando alguien es tratado como “cosas” (como indio colonizado, esclavo africano en la plantación, mujer en el machismo, obrero en el capitalismo, como de un país “subdesarrollado”, etc.) el luchar por el reconocimiento de la propia “dignidad” se transforma en un proceso de liberación, como “devenir”, como los momentos en los que la subjetivación del mero objeto que se va descubriendo actor en la afirmación de su “dignidad”, en la negación de su negación. De este modo, la dignidad se conquista, se va construyendo procesualmente, es un movimiento de “dignificación”. Para el planteo en cuestión, tal vez el movimiento de dignificación sea el que los saberes experienciales (des)calificados como “ingenuos” requieran para afirmarse como un punto de partida para nada ingenuo e incluso necesario. Algo de este movimiento puede verse en el planteo general de Kusch y, en particular, en su crítica a Freire. Este planteo donde se vislumbra el punto

de partida desigulitario en el planteo freireano puede leerse cuando sostiene: “Como profesor, no me es posible ayudar al educando a superar su ignorancia si no supero permanentemente la mía. No puedo enseñar lo que no sé” (Freire, 2011, p. 91) (GIULIANO, 2018, p. 199).

O professor argentino propõe sua reflexão e ação não apenas para emancipar o nosso local de fala – lócus de enunciação – pela dignificação, quando me refiro à América Latina (MIGNOLO, 2007, p. 308), mas a ideia de que o ensinamento, edificado por Paulo Freire (GIULIANO, 2018, p. 218) emancipe a academia contemporânea, pois, como preconizou o saudoso professor, não é possível ensinar aquilo que não se sabe. Aqui a ideia de responsabilizar a academia é ainda mais elucidada. Sabemos que o dever acadêmico nunca foi apenas provar através de mecanismos científicos, mas trazer soluções advindas de dados, comparações críticas e também, de divulgar novos projetos (NOLASCO, 2018, p. 15).

O professor (GIULIANO, 2018, p. 217) precisa saber para lecionar e por isso necessita de espaço, incentivo, respeito e, principalmente, credibilidade. Não havendo essas possibilidades o chamado docente cumprirá a prática indecente de replicar saberes estereotipados. Nesse invólucro da interculturalidade (MIGNOLO, 2007, p. 316), aprender a aprender, como sugere a metacognição, é uma prática de se (des)pensar as linguagens, logo, de se desenvolver teorias que possam dar conta ou ao menos se aproximar da realidade, resposta e esclarecimento crítico-cultural epistêmico.

A pesquisa acadêmica não pode continuar sendo uma vasculha de páginas na internet. A investigação científica – aqui entendida como aquela que propõe valores cujos dados são os acontecimentos – precisa ser potencializada na academia e, para isso, é necessário que os docentes nas universidades (MIGNOLO, 2007, p. 323) organizem espaços em que as metodologias não sejam engessadas sendo uma forma de prefigurar o caminho para a prática de teorias, ou seja, de descolonizar a pesquisa acadêmica:

Minha opção pela vida inclui como condição pensar melhor o outro, a vida desse outro, passando, como condição necessária, por nós mesmos, os pesquisadores envolvidos na ação. Desse modo vamos desbaratando um cientificismo estéril que ainda grassa nos modelos de pesquisa acadêmica, e fazendo se levantar, por conseguinte, uma pesquisa que, nas palavras de Mignolo, não ignora, mas preza a vida. Ainda, agora, no bojo dessa discussão acerca do “fazer científico” que sempre envolve, ou passa pelo outro (e esse não mais tomado como mero “objeto”, como sempre fora aliás), faz necessário se perguntar quem é esse outro, se é que de fato ela exista (NOLASCO, 2018, p. 16).

Dar vida ao cientificismo de prática contemporânea é o resultado para se (des)pensar linguagens em nossa América Latina (NOLASCO, 2018, p. 17). A pesquisa acadêmica forjou na América Latina práticas que são cumpridas sementendimento crítico-sinestésico. A finalidade de *publicare et propagare* um trabalho contemporâneo dever ser minimante a de contribuir para-além deentreter. Até hoje, por influência europeia (MIGNOLO, 2007, p. 288), o último sobrenome é aquele que rubrica os trabalhos, pois, tradicionalmente, o sobrenome do pai propositava as honras da família e, hoje, na vigência das normativas técnicas no Brasil (GIULIANO, 2018, p. 211) e demais academias latino-americanas, o sobrenome do pai é aquele que predomina como assinaturae finalização dos nomes em sua integralidade.

O mesmo acontece com a cultura do homem da casa que da Europa seentendeu para a nossa América Latina (QUIJANO, .2005, p. 135). Aquele que se senta na ponta da mesa retangular porque aquele lugar é dele. O pai de família que sempre dirige o veículo, mas que de tão primário-primitivo, desce docarro e ao chegar ao restaurante, dialoga no olhar com o garçom decidindo grande parte das vezes o prato da noite.

Portanto, (des)pensar linguagens é levar para a academia questões culturais opressoras que impossibilitam saberes e criticidades ofuscadas pela comunidade dos valores estéreis, ou seja, aqueles que não se adaptam às evoluções sociais (NOLASCO, 2015, p. 59) das novas gerações.

Para compreender como estão os passos da academia é preciso pensar (MIGNOLO, 2007, p. 290) na avaliação com mensuração *amoderna*. Mensurar o conhecimento é importante, porém anterior a essa aferição intelectual é precisopensar como o sistema avaliativo está sendo empregado, pois, até na maneira de avaliar encontramos práticas que punem, segregam e engessam as possibilidades de correspondência. Por esse viés crítico, Facundo ressalta:

Se sostiene que esto ya está superado a nivel de la comprensión científica de la evaluación pero se reconoce que, sin embargo, se continúa haciendo (tal vez como una repetición compulsiva). Por último, asume Freire, se instala la idea de que no hay práctica sin evaluación (lo cual nos parece uno de los legados más vivos de la modernidad/colonialidad, el cual cimienta la sinonimia entre educación y evaluación) e incluso se avanza en proponer la discusión democrática (esto es, con los educandos) de los caminos (siempre previamente establecidos) de aprobación y reprobación en el marco de una búsqueda de métodos evaluadores cada vez más democráticos. Y así aparecieron las modas de las auto-evaluaciones, coevaluaciones, trans-evaluaciones,

inter-evaluaciones, meta-evaluaciones, que con retóricas seductoras han buscado el consentimiento del otro para (d)evaluar su alteridad y hacerlo parte de su propio proceso de abyección o inclusión normalizadora (GIULIANO, 2018, p. 215).

A avaliação sistêmica, ou seja, a edificação do sistema avaliativo universitário não serve apenas para, em conceitos A, B, C ou D, e também em notas, formar um(a) acadêmico(a), mas mensurar o seu conhecimento. Muito além desse aspecto, existe o quadro valorativo, ou seja, de que maneira o conhecimento será auferido sem prejuízo no processo. O fato é que muitos processos modernos (GIULIANO, 2018, p. 192) impedem essa avaliação replicando provas julgadoras.

É nesse sentido também que as linguagens (des)pensadas na América Latina (QUIJANO, .2005, p. 136) como prática epistemológica se consolidam, pois, as linguagens – no sentido operacional – são as molas propulsoras no que tange à praticidade contemporânea. Os(as) docentes universitários de modo especial, ao contribuírem para a formação de novos(as) docentes – quando me refiro às licenciaturas – e pesquisadores(as), precisam (des)pensar a linguagem do objeto, ora no viés acadêmico (NOLASCO, 2018, p. 15), ora no viés da consciência descolonial (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 70) como fomento emancipatório nos corredores da academia.

Em breve pretérito dialogal falamos da crítica biográfica fronteira e da arquivência, conceitos que emergem da descolonização, bem como. da prática investigativa da bio-criticidade (DO VALE; NOLASCO, 2022, p. 92), outro conceito ao qual discernimos agora. Ora o(a) docente na universidade, ora o discente, ter e levar para a tensão da pesquisa as questões de vida para tecer suas criticidades são práticas que (des)pensam as linguagens na América Latina (GIULIANO, 2018, p. 211), pois, enquanto o tecnicismo hegemônico afugenta questões que nos atravessam sinestésica(mente), a descolonização em prática colabora para a bio-criticidade (DO VALE; NOLASCO, 2022, p. 94), ou seja, a consciência de que as linguagens contemporâneas, se (des)pensadas na América Latina (MIGNOLO, 2007, p. 308), atingirão corpus e corpos que antes viviam na sombra eurocêntrica e estadunidense.

A fortuna crítica na América Latina (QUIJANO, .2005, p. 137) merece uma atenção mais colaborativa. Nesse prisma, Aníbal Quijano recorta o eurocentrismo como preocupação imperada por um poder capitalista que impacta nas epistemologias contemporâneas:

Nesse sentido específico, a humanidade atual em seu conjunto constitui o primeiro *sistema-mundo global* historicamente conhecido, não somente

um *mundo* como o que talvez tenham sido o chinês, o hindu, o egípcio, o helênico-romano, o maia-asteca ou o tauantinsuiano. Nenhum desses possíveis mundos teve nada em comum exceto um dominador colonial/imperial e, apesar de que assim se propõe da visão colonial eurocêntrica, não se sabe se todos os povos incorporados a um daqueles mundos tiveram também em comum uma perspectiva básica a respeito das relações entre o humano e o restante do universo. Os dominadores coloniais de cada um desses mundos não tinham as condições, nem provavelmente o interesse, de homogeneizar as formas básicas de existência social de todas as populações de seus domínios. Por outro lado, o atual, o que começou a formar-se com a América, tem em comum três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: *a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo* (QUIJANO, .2005, p. 123-124).

Bastante notório para Quijano, o que compreendemos ser útil e aplicável, a participação do capitalismo como império de segregação cultural e dominante-dominadora, pois a formação da nossa América Latina (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 72) – ditada pelo mundo maior, ou seja, o eurocentrismo – carrega feridas incuráveis até que se estabeleça compromisso descolonial no discurso e na prática (NOLASCO, 2018, p. 18) para que o impositivo rito moderno seja escanteado como valor. Aníbal Quijano em tom de preocupação esclarecedora, sobretudo, de proposição entre críticos da nossa América Latina, por um pensar consistente entre o discurso e a prática descolonial:

Claro que este padrão de poder, nem nenhum outro, pode implicar que a heterogeneidade histórico-estrutural tenha sido erradicada dentro de seus domínios. O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como esfera central de orientação valorativa do conjunto. Por isso as instituições hegemônicas de cada âmbito de existência social, são universais para a população do mundo como modelos intersubjetivos. Assim, o Estado-nação, a família burguesa, a empresa, a racionalidade eurocêntrica (QUIJANO, .2005, p. 124).

Pensar a racionalidade nos é frágil não por falta de empenho, mas como fonte tematizada da América Latina, o eurocentrismo para nós é uma questão de passado e o passado deve ser uma questão de experiência e não permanência. A criticidade contemporânea parece ter assumido – na comunidade latino-americana – o comprometimento do (des)pensar, logo, a linguagem vista como ferramenta de transposição e emancipação pode intervir no estancamento colonial (NOLASCO, 2018, p. 19) para a libertação de práticas epistemológicas que fujam de receitas

enquadradoras, pois, na tela da arte contemporânea não há moldura que segure ou ornamente o rabisco nu da nossa tensão (GIULIANO, 2018, p. 210) e grito astuto contemporâneos.

Por fim, ao trazer este artigo como peça sugestiva para se (des)pensar linguagens atendendo os espectros da consciência que eleva o discurso à prática epistemológica que não contrapõe o eurocentrismo (MIGNOLO, 2007, p. 301) e parcialidades estadunidenses, mas que revigora a academia como transmissão de conhecimento descolonial para robustez da camada crítica latino-americana como resposta passivo-ativa dos meandros hodiernos.

Referências

DE OLIVEIRA JITSUMORI, Carlos Igor; NOLASCO, Edgar César; DO VALE, Fábio.

Pedagogias e Práticas Educacionais: Acoragens Político-Descoloniais Contemporâneas. Editora Ecodidática, 2022. Disponível em:

<<https://editoraecodidatica.com.br/e-book-pedagogias-e-praticas-educacionais-ancoragens-politico-descoloniais-contemporaneas/>> Acesso 14 fev. 2023.

DO VALE, Fábio; NOLASCO, Edgar César. Políticas para uma pedagogia descolonial: linguagens e práticas educacionais na América Latina contemporânea. **NEMITYRA:**

Revista Multilíngüe de Lengua, Sociedad y Educación-Vol3-N2, p. 68, 2021. Disponível em: <<https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/2465>> Acesso em 14 fev. 2023.

DO VALE, Fábio. Teorizações contemporâneas: descolonização como ponto de partida latino-americano. **Nemityrã**, v. 3, n. 2, p. 10-12, 2021. Disponível em:

<<https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/2474>> Acesso em 14 fev. 2023.

GIULIANO, Facundo. Situar a Paulo Freire: Entre el racismo epistémico y la razón evaluadora. Una lectura crítica desde la Filosofía de la Educación. **Pensando-Revista de Filosofía**, v. 9, n. 17, p. 191-225, 2018. Disponível em:

<<http://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/6424>> Acesso em 18 fev. 2023.

MARCELO, Rubenio. **Vias do Infinito Ser**. Campo Grande/MS, editora letra livre 2017, p. 40.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em:

<http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemic_a_mignolo.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. **Cadernos de estudos culturais**, v. 1, n. 19, 2018. Disponível:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>> Acesso em: 18 fev. 2023.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia).

Cadernos de estudos culturais, v. 7, n. 14, 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3351>> Acesso em: 16 fev. 2023.

QUIJANO, Aníbal et al. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. 2005.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf> Acesso em: 16 fev 2023.